

GANSHOREN
Charneca & Memória

Um estranho monturo da cor do chernozem,
a basílica bizantina — esse vago silo de Deus —
com o gasómetro da cúpula e as pontas das flechas
glaucas que se elevam, intactas, na luz da manhã.

Seguindo a inclinação grave do terreno
e no meio da surdina geral, vamos na descida
rápida até ao pântano: com a sua aparência
de trevos solitários, um resto de névoa matiza
as cores em que se diluem os prédios sociais
e os edifícios de janelas largas como vitrinas
que se diriam transplantados de uma qualquer
riviera, aqui, a não sei quantas léguas do mar.

Aquilo que nos parece a orla de um bosque
é só uma azinhaga, uma sebe de plátanos que lançam
espigas de abóbada no azul e como alto fosso
escondem do olhar a torre do castelo de Rivieren.

No meio das urzes que em tempos houve
achar pudesse um pesponto para os meus passos,
no andamento que os conduz, quase em segredo
e sem que ninguém o diga, pelas vielas do Home,
as suas áleas curvas, os seus pátios e passagens,
até à Praça das Sorveiras, ovo que por pouco
se não fechava aos acasos da minha errância
entre arcadas de tijolo e mudas encruzilhadas.

Na Praça do Centenário é de bronze o pedreiro
que, a cinco metros do solo, sobre uma viga
horizontal guarda a volta de ferradura daquela
que devia ser a porta de entrada na comuna.

Mas no Heideken há muito se extinguiu a chama
no leilão à luz da vela; o lanço mais alto coube
à linha de eléctrico que atravessaria apitando
o soalho da quinta-estábulo-padaria & cabaré.
Porque a memória molha-a a sombra dos salgueiros,
venho convidá-los a degustar hoje uma *tartine*
de queijo fresco regado a cerveja e, com arco
e flecha, afinar no alvo que quiserem a pontaria.

Havemos de banhar-nos, pelo fim da tarde,
no tanque das traseiras entre gansos que vogam
e abrindo os bicos deixam no ar, imóvel
como um ex-voto, o som de trompa de caça.

Paulo Teixeira